



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

TRABALHO E MERCADORIA NO CAPITALISMO: A SUBSUNÇÃO DO TRABALHADOR

Monica da Silva Ferrarez¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da categoria trabalho na produção e reprodução do capital elencando como fundamental a discussão da mercadoria e das relações sociais a partir da luz teórica da crítica da economia política em Marx. É fruto da sistematização e acúmulo teórico do doutorado em desenvolvimento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras chaves: Trabalho, mercadoria, relações sociais, relações econômicas

Abstract: This paper aims to present a reflection on the category of labor in the production and reproduction of capital, as a fundamental element to discuss the commodity and social relations from the theoretical light of the critique of political economy in Marx. And the result of the systematization and theoretical accumulation of the PhD in development at the State University of Rio de Janeiro.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ, E-mail: monica.ferrarez@ig.com.br

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 03 |
| DESENVOLVIMENTO..... | 03 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 11 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 12 |

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da categoria trabalho na produção e reprodução do capital elencando como fundamental a discussão da mercadoria e das relações sociais a partir da luz teórica da crítica da economia política em Marx. É fruto da sistematização e acúmulo teórico do doutorado em desenvolvimento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Desenvolvimento

Para iniciar a discussão iremos nos reportar a categoria *trabalho* que na leitura marxista é analisada como força motriz do capitalismo, considerando que o homem através dele altera a natureza de forma teleológica, na busca por produzir seus meios de sobrevivência e se auto desenvolver.

Assim, o homem, em sua evolução, passa a utilizar meios que possibilitem aumentar a capacidade do trabalho humano e se auto transformar, fazendo com que o desenvolvimento do trabalho criador se torne condição especial na busca pela liberdade humana. No entanto, Marx verifica que há uma contradição à medida em que os homens produzem *mercadorias*, mas não se percebem nesse processo de produção.

A mercadoria, segundo Marx (2017) é a categoria chave da explicação da sociedade capitalista - mediação de todas as relações e processos sociais, entretanto necessita ser desnudada em sua complexidade, ela é “antes de tudo, um objeto exterior, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie”. (MARX, p. 113).

Portanto, a mercadoria, produto da força de trabalho, possui *valor de uso* e o *valor de troca*, o primeiro tratando-se do conteúdo e o segundo da grandeza. O valor de uso surge a partir da utilidade de uma coisa e só se realiza pelo uso ou pelo seu consumo, já o valor de troca surge à proporção em que os valores de uso de espécie diferentes se trocam entre si (MARX, 2017).

O que se produz do valor de uso da mercadoria é o trabalho concreto, e o trabalho abstrato é o trabalho em sua dimensão de dispêndio de força humana. O primeiro produz utilidade, contendo em si valor, e extraíndo o trabalho concreto (valor de uso) temos o trabalho abstrato.

Assim, considerando o sentido abstrato do trabalho podemos dizer que ele agrega novo valor aos valores dos elementos do processo de trabalho (os meios de produção). Visto pelo sentido concreto, específico, útil, o trabalho media a transferência do valor dos meios de produção ao produto final, incorporando desta forma valor. Logo, o trabalho realiza ao mesmo tempo dois processos: conserva e cria valores.

É importante lembrar que, segundo Marx, uma coisa pode ser um valor de uso sem ser necessariamente um valor de troca. Para produzir mercadoria é importante que o valor de uso seja útil para satisfazer a necessidade de outrem, logo, que possa ser convertido em valor de troca. Ainda segundo Marx, para que as mercadorias possam se correlacionar é necessário que os seus proprietários se relacionem entre si como pessoas, de tal modo que mediante um ato de vontade comum a ambos, se aproprie da mercadoria alheia.

(...) o trabalho humano, despendido em sua produção, conta somente na medida em que seja despendido de forma útil para outros. Se o trabalho é útil para outros, se, portanto, seu produto satisfaz a necessidade alheia, somente sua troca pode demonstrar (MARX, 1988 p. 80).

Ressaltamos então que a mercadoria possui um valor místico e que este não provém do seu valor de uso, e esta só é possível de ser medida em tempo de valor pelo tempo de trabalho por conta da existência do trabalho livre. Essa discussão nos reporta a *divisão social*, categoria também importante, pois permite comparar os tipos de trabalho e valorar o tempo de trabalho com generalização da forma dinheiro.

Na divisão do trabalho está contido o trabalho que amplia o conceito de *trabalhador produtivo*, sendo este considerado aquele que produz mais valia, ou seja, o valor excedente do capital, produz então não só o valor de uso necessário para a reprodução da força de trabalho, mas a mais valia, em uma perspectiva de exploração da força de trabalho assegurada na divisão do trabalho. Desta forma, podemos entender a divisão do trabalho como a forma em que os indivíduos se organizam e se especializam na realização de

determinadas tarefas específicas, com a intenção de otimizar e dinamizar as mesmas e assim produzir ou aumentar mais valia.

Ratificando, na divisão de trabalho, as relações de valores de troca de mercadorias contribuem para a extração do mais valor e sendo assim para a acumulação capitalista, através da expropriação da mais valia acrescida ao valor pelo trabalho livre. O trabalho se realiza enquanto trabalho abstrato, entendendo que o trabalho como criador de valor de uso é indispensável à existência humana e a efetivação do intercâmbio material entre o homem e a natureza (MARX, 1987 p.50).

Partindo dessa reflexão, podemos dizer que no processo de acumulação capitalista a busca do mais valor propicia uma redução do valor da força de trabalho proporcionando uma diminuição na quantidade de trabalho dos meios de subsistência e nos meios de produção em geral. Assim, o barateamento das mercadorias faz com que seja desvalorizada a força de trabalho – uma vez que há redução do tempo de trabalho necessário – entretanto leva mais trabalho para o capital à medida que é gerada um *mais valia extraordinária*, já que o tempo de trabalho necessário foi diminuído para favorecer o tempo excedente e baratear o preço da mercadoria, por isso à subsunção cada vez maior do trabalhador ao capital.

Dito de outro modo, o mais valor – que motiva o capitalista – é resultado da diferença entre o que o trabalhador recebe por sua força de trabalho como força de trabalho como mercadoria e o que o trabalhador produz no processo de trabalho comandado pelo capitalista (BARBOSA 2018c p.03).

A acumulação do capital é um processo inerente à lógica capitalista e acaba por reforçar a necessidade da força de trabalho para que haja o aumento da produção no que se refere a valorização do capital e não aos bens que satisfaçam as necessidades do trabalhador. “A acumulação significa inversão de capital para fazer mais capital – produzir valor que amplia o capital em mais capital – e esse capital investido envolve um tanto em meios de produção e um tanto em salários. Ou seja, acréscimo de capital implica necessariamente aumento de sua parte variável” (BARBOSA, 2018f p).

A reprodução da força de trabalho, que tem incessantemente de se incorporar ao capitalismo como meio de valorização, que não pode desligar-se dele e cuja submissão ao capitalismo individual aos quais se rende, constitui, na realidade, um momento de reprodução do próprio capitalismo. A acumulação do capitalismo é portanto, multiplicação do proletariado (MARX, 2008 p. 690).

Essa acumulação, retratada em Marx pela Lei Geral da Acumulação, trabalha com a ideia de concentração e descentralização em uma dinâmica, por vezes, onde capitais compram capitais. Assim, quanto maior o produto social, a capacidade de gerar riqueza e a produtividade do trabalho, maiores serão os índices de miséria, pobreza e desemprego, tendo em vista que o capital está voltado para seu crescimento.

Reafirmando de outra forma, o desenvolvimento tecnológico é inserido no processo de produção com fins de aumentar a produtividade para atender a concorrência dos mercados e reduzir a necessidade de contratação de força de trabalho. Assim, tende a reduzir o capital variável, pois a concentração e a tecnologia diminuem a produção e em paralelo provocam o aumento da produtividade. Este leva a uma diminuição da necessidade da força de trabalho e a uma queda relativa do valor desta. Com isso ocorre um aumento de desempregados que facilita a baixa do salário dos empregados desvalorizando o valor da força de trabalho. Logo, o trabalhador recebe o salário para apenas o que necessita para sobreviver e não pelo seu esforço total, deixando a maior parte ser incorporada à riqueza do capital no processo de acumulação.

Assim, a relação de subordinação dos trabalhadores ao capital se configura enquanto uma relação de dependência que além de se intensificar, se expande na acumulação e na exploração, especialmente no substrato da superexploração, e isso se dá de forma alienada para o trabalhador. Tal alienação, faz com que o trabalhador não se reconheça no produto final do trabalho e cria o *fetichismo da mercadoria*: achar que a mercadoria existe por si mesmo, desconsiderando as relações de trabalho. Nesse caso, a produção da riqueza produzida socialmente é apropriada pelo capitalista privado, e o produto do trabalho passa a não pertencer ao trabalhador. Logo, a alienação dá visibilidade ao estranhamento do *trabalhador no processo produtivo e a inversão do homem em coisa*. (BARBOSA 2018e). “Este caráter fetichismo do mundo das mercadorias decorre, como mostrou a análise precedente, do caráter social próprio do trabalho que produz mercadorias (MARX, 2017 p.36).

Tem-se a ideia de que a mercadoria teria uma vida própria, como se o indivíduo não produzisse valor sobre ela, ou seja, o trabalhador não se reconhece na produção de seu trabalho, então quando ele vê a mercadoria no mercado não percebe que ela só existe como obra de seu trabalho, que o trabalho dele é que produz valor.

Conclui-se então que, o não reconhecimento do dinheiro enquanto valor de troca e enquanto oriundo do trabalho abstrato, gera alienação e a falta de identificação do trabalho humano e das relações existentes com outros trabalhadores, que também são escamoteadas enquanto trabalho social, enquanto produção social.

O fetiche da mercadoria e do dinheiro ocorre pelo fato do valor de uso - para ser avaliado enquanto valor de troca – necessitar da abstração do valor concreto, ter que ser avaliado enquanto trabalho humano geral. Entretanto, existe uma contradição entre o valor de uso e valor de troca, porque a forma equivalente reflete apenas o valor de troca da forma relativa e esta não reflete o seu próprio valor.

Ressaltamos que o que caracteriza esse processo de produção do capital e de seu valor – valor de uso, valor de troca e mais valor – é a existência de uma forma assalariada e cooperada de sociedade dentro da divisão social do trabalho.

Diante desse contexto, Marx vê como fundamental entender as relações sociais e econômicas tendo em vista a dinâmica da sociedade capitalista, uma vez que a reprodução da vida é mediada a todo tempo pelas relações de *trabalho*, por isso, a importância de se discutir as necessidades dos trabalhadores, sejam elas subjetivas ou concretas, dentro da totalidade social.

Tais necessidades são mediadas por mercadorias que são produtos do trabalho e por isso possuem valor de uso e valor de troca, entendendo que o valor de uso é a unidade de um objeto, porém no capitalismo, os valores de uso são ao mesmo tempo veículo do valor de troca, independente da utilidade que dão às mercadorias.

Significa dizer novamente que o importante é que a atividade seja um veículo para a troca, considerando que a grandeza do valor da mercadoria é medida pelo tempo de trabalho humano socialmente necessário (valor), mas não um trabalho qualquer, mas sim, aquele que pode ser convertido de utilidade de uso para utilidade de troca para outro atendendo a uma necessidade e gerando um valor .

Considerações finais

Enfim, a partir das análises de Marx podemos afirmar que a mercadoria é vista como utilidade e produto do tempo social do trabalho, o trabalho morto é energizado e transformado em trabalho vivo. A mercadoria (capital constante mais capital variável) enquanto passa para a mão de outra pessoa deixa de ser interessante para seu vendedor e passa a ser interessante para seu comprador (intercambio de equivalentes), por isso o *estabelecimento de relações sociais* – com uma série de determinações - e não somente econômicas.

Assim podemos dizer que o *capital*, em uma análise mais profunda, *deriva do valor e não do trabalho*, até porque o trabalho não é condição para a produção de riqueza, uma vez que é apropriado pelo capital. Significa então pensar que, por mais que o trabalhador se esforce no desenvolvimento de seu trabalho, ele será sempre, no modo de produção capitalista, subsumido ao capital e explorado por ele, em troca do valor de sua cesta básica, sem alcançar sua emancipação, pois ele passa cada vez menos para o trabalho necessário e mais para o trabalho excedente.

Todo esse processo de produção e reprodução do capital está baseado na exploração do trabalhador e no controle do trabalho pelo capital a fim de se evitar capital imobilizado. O valor de troca das mercadorias é o elemento fundamental para se compreender o enfoque que Marx dá às relações sociais, tornando-se objeto de seu estudo na análise da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

ALIAGA, Luciana; AMORIM, Henrique; MARCELINO, Paula. *Marxismo: teoria, história e política*. São Paulo: Alameda, 2011. Parte II.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de; ALENCAR, Mônica Maria Torres de. *Serviço Social, trabalho e políticas públicas*. São Paulo: Saraiva, 2011.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A Revolução Boliviana*. São Paulo: UNESP, 2007.

BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis: Insular, 2013.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Unesp, 2010.

BARBOSA, Rosângela Nair. “Anotações para aula do capítulo “Como o dinheiro se transforma em capital”. In mimeo, 2018a.

_____, Rosângela Nair C.. Introdução e algumas problematizações – A Mercadoria – Marx, Karl. Livro 1. Volume 1. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008. In mimeo, 2018b.

_____, Rosângela Nair C.. Apontamentos sobre o capítulo V e o capítulo XIV do capital. In mimeo, 2018c.

_____, Rosângela Nair C.. Pontuações para o debate sobre processo de trabalho e processo de valorização - Marx. In mimeo, 2018d.

_____, Rosângela Nair C.. Apontamentos sobre Cooperação, Divisão do Trabalho, Grande Indústria. In mimeo, 2018e.

_____, Rosângela Nair C.. Anotações sobre o capítulo 23 do O Capital – A lei geral da acumulação capitalista. In mimeo, 2018f.

_____, Rosângela Nair C.. A propósito do argumento de Marx sobre trabalho produtivo e trabalho improdutivo. In mimeo, 2018g.

BORON, Atílio. *Estado, Capitalismo e Democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *América Latina em la geopolítica del imperialismo*. Buenos Aires: Ediciones Luxemburg, 2012.

CARCANHOLO, R. M. *Marx, Ricardo, Smith: Sobre a Teoria do Valor do Trabalho*. Vitória (ES): EDUFES, 2012.

DUARTE, P. H E.; GRACIOLLI, E. J. A Teoria da Dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. Campinas: In: V Colóquio Marx e Engels, 2007.

ESCURRA, M. F. Pobreza no capitalismo: elementos para a análise crítica com base na teoria valor-trabalho de Marx. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. (caps 6 e 7).

_____. *Democracia e Desenvolvimento. A transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual*. São Paulo: Hucitec, 1994.

GAMBINA, Julio C. *Crisis del capital (2007/2013)*. La crisis capitalista contemporânea y el debate sobre las alternativas. Montevideo/Buenos Aires: FISyP, 2013.

HARVEY, D. *Para entender O Capital. Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

HILON, Forres. *A Revolução Colombiana*. São Paulo: UNESP, 2010.

IANNI, O. (Org.). Introdução. In: *Karl Marx. Sociologia*, 3ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1982, p. 7-44.

_____, O. A dialética da historia. In: DINCAO, M.A. (org). *Historia e ideal: ensaios sobre Caio Padro Júnior*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989.

_____. *A ideia do Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

IAMAMOTO, M.V. et ali. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*. Esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez/Celats, 1982, parte I, cap.

LÖWY, Michael (org.) *O Marxismo na América Latina*. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo, 2016.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular/CLACSO, 2008.

MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. O ciclo do capital na economia dependente. In: FERREIRA, Carla, OSÓRIO, Jaime e LUCE, Mathias (orgs.). *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Livro I, Livro II e Livro III.

_____, K. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

_____, K. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985c. Livro 1, v. 1, t. 2 (Os economistas).

_____, K. *O Capital, Livro I, volume I*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____, K. 1818-1883. *O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. Karl Marx, tradução Rubens Enderle – 2 e. – São Paulo: Boitempo, 2017.

_____, K. *Capítulo VI: inédito de O capital*. São Paulo: Centauro, 2004.

_____, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____, K. *Manuscritos econômicos de 1857-1858*. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Ed. Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

_____, K. *O Capital, 11 ed.* São Paulo: Difel, 1987, v.2

_____, K. *O Capital: crítica da economia política*. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____, K. *Introdução a crítica da economia política*. In: MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Col. Os Economistas).

MAZZEO, Antonio Carlos. *Estado e Burguesia no Brasil*. São Paulo: Cortez. 1997.

NAPOLEONI, C. *Lições sobre o Capítulo Inédito de Marx*. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1981.

NOVACK, George. *O desenvolvimento desigual e combinado na história*. São Paulo: Sundermann, 2008.

OSORIO, Jaime. *América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região*. In: FERREIRA, Carla, OSÓRIO, Jaime e LUCE, Mathias. *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*. Tradução de César Benjamim. Rio de Janeiro: Ed. UERJ / Contraponto, 2001.

RUBIN, J. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Livraria Polis, 1987.

SANTOS, Theotonio. *A teoria da dependência: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000.

SANTOS NETO, Artur Bispo dos. *Capital e Trabalho na formação econômica do Brasil*. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

TEIXEIRA, F. J. S. *Pensando com Marx*. Uma leitura crítico-comentada de *O Capital*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1995.

TROTSKY, León. *História da revolução russa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____, *A revolução permanente*. 2ª edição. São Paulo: Kairós, 1985.

VALENCIA, Adrian Sotelo. *Teoria da dependência e desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2008.